

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO INDISCIPLINADO¹

Ildete Raimunda Ribeiro²

ildeteprofe@hotmail.com

Roselene Aparecida de Oliveira³

ildeteprofe@hotmail.com

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da motivação do aluno indisciplinado. A temática central é a motivação do aluno no processo ensino-aprendizagem. A prática pedagógica exercida pelos docentes os coloca em contato cotidiano com a indisciplina na escola. Este é um artigo teórico e foi desenvolvido partindo de uma visão pessoal com base em referências bibliográficas. O estudo analisa algumas teorias sobre a indisciplina escolar e o papel do educador na resolução dos conflitos no espaço escolar e relacionar a indisciplina com as novas influências trazidas pela indústria cultural. Por fim, enfatiza a formação do professor reflexivo e que o auxiliará na formação do aluno-cidadão, consciente do seu papel transformador na sociedade atual. Deste modo, o profissional professor será aquele que deverá assumir a responsabilidade e a autonomia para exercer seu ofício, com todos os riscos e limitações impostas pelo trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: indisciplina; escola; motivação; professor.

1. Introdução

A questão da indisciplina escolar é um tema que sempre gerou muita polêmica. Descobrir quais são as suas causas não é tarefa fácil, principalmente por ser um problema que só tende a crescer.

A indisciplina das crianças já é uma constante, tanto na sala de aula quanto na escola como um todo, ela manifesta-se por meio do desrespeito,

¹ Artigo apresentado à Faculdade Afirmativo/Prisma como requisito final para obtenção do título de especialista em Gestão Educacional, Orientação e Supervisão Escolar.

² Graduada em Pedagogia E Séries Iniciais, PELA UNIR – Universidade Federal de Rondônia
³ Graduada em Pedagogia pela FAROL, Faculdade de Rolim de Moura.

intransigências e do não cumprimento das normas básicas de educação e bom comportamento.

Ela pode ser ponderada sob múltiplos aspectos, entre os quais podemos mencionar estrutura física da escola e a pressão exercida pelos professores em relação à construção do conhecimento do aluno e a educação e disciplina que a criança traz de casa.

O professor precisa ser antes de qualquer coisa, um estudioso e pesquisador, precisa coletar dados sobre a indisciplina, ser flexível procurando e implementando novos métodos, não se fixando apenas em estudar ou pesquisar o comportamento dos alunos, mas sim, de todos os que participam da vida da escola, inclusive a família.

Descobrir quais são as causas da indisciplina é tarefa difícil, principalmente porque ela não para de aumentar. Dentre as causas de indisciplina podemos destacar as causas familiares, porque o ambiente familiar marcado pelas agressões e brigas acaba refletindo no ambiente escolar. Além disso, muitas vezes as razões que levam um aluno a ser indisciplinado estão situadas no âmbito da saúde mental infantil e adolescente e no estado emocional decorrente dessas situações.

O educador deve descobrir e utilizar métodos e recursos para estimular os educandos a desenvolverem o aprendizado, fazendo com que os mesmos sintam-se valorizados e se interessem pelo aprendizado, lançando mão de artifícios que os conduzam à motivação

Nos últimos anos o tema motivação e aprendizagem têm sido focados como objeto de investigação por psicólogos educacionais e o problema da falta de motivação dos estudantes representa um dos maiores desafios do ensino.

Segundo Edward J. Murray (1986:20) a motivação representaria “um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa”

Para Fermino F. Sisto (2001:45-46), a motivação é uma variável-chave para a aprendizagem. Para ele sem motivação não se aprende. Estar preparado para aprender não quer dizer, necessariamente, que isto irá

acontecer significativamente, e é fundamental a presença do incentivo no aprendiz.

É fundamental que o aprendizado seja mais prazeroso e significativo, para que o ensino tenha algum sentido para o aluno, que lhe desperte o interesse, satisfaça suas curiosidades e que realmente o prepare para a dinâmica da convivência e evolução social.

Donald H. Weiss (1991:61) salienta que, “se as pessoas não se encontram motivadas a fazer algo com que se identifiquem ou a alcançar uma meta, podem ser persuadidas a tomar atitudes que prefeririam não tomar, o que as condicionará a um comportamento indeciso. Há muito tem visto estudos feitos por vários profissionais sobre as dificuldades de aprendizagem e a falta de interesse por parte dos alunos, esta é uma preocupação que vem se estendendo. Alguns estudiosos já chegaram a conclusão que muitas destas dificuldades se dá pela falta de motivação dentro do contexto escolar”.

A função do professor não é só administrar conteúdos e monitorar conhecimento, mas despertar também as pessoas sensíveis. promovendo um ambiente em que ofereça ao aluno condições para aumentar sua perceptividade e compreensão do mundo que o cerca, no qual possa vir a desenvolver sua criatividade com tranqüilidade, superando-se em suas diversidades.

2. AS MANIFESTAÇÕES DE INDISCIPLINA E A AUTORIDADE DO EDUCADOR

Um comportamento indisciplinado é qualquer ato que contraria princípios do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas numa escola, ou pelo professor, ou pela comunidade.

A indisciplina do aluno é uma resposta à autoridade do professor. O aluno contesta por não concordar com as exigências do professor, com os

valores que ele pretende impor, com os seus critérios de avaliação, resultando numa relação desequilibrada entre eles.

O aluno traz valores e atitudes que foi apreendendo em convivência na sociedade até aquele momento. A indisciplina pode ser um reflexo da ausência de condições de uma adequada educação familiar.

A indisciplina pode surgir como uma alternativa para justificar o seu insucesso escolar, procurando deste modo valorizar a sua relação com os outros. Este insucesso não se pode atribuir exclusivamente às classificações nas disciplinas, mas também em certos valores sociais.

As manifestações de indisciplina podem ser um indicativo do desenvolvimento da liberdade dos alunos, por isso, se torna imprescindível que sejam ouvidos, compreendidos e que a discussão envolva os professores, alunos, familiares e gestores.

A indisciplina em sala de aula contribui para as discussões acerca da autoridade docente, fazendo com que o relacionamento entre professor e aluno seja reavaliado dia-dia e evidenciando que a autoridade deve ser estabelecida e respeitada. A educação presume formação de cidadãos aptos para a vida em sociedade e para isso é necessário um professor com autoridade.

Para SCHMIDT, RIBAS e CARVALHO (1989:39), “A disciplina é tida como agente necessário para a construção do saber, pois é de posse deste conhecimento sobre o mundo que o aluno terá liberdade para contestar a autoridade quando necessário, bem como entender que o saber é a via que lhe proporcionará os esclarecimentos para usá-la adequadamente na luta por uma sociedade mais justa e igualitária”.

VASCONCELOS (1997:248) explica que “não existe autoridade em si: a autoridade se define sempre em contextos históricos concretos”. Não se trata de um termo definido e acabado, pois, está à mercê de toda análise cultural que lhe envolve em um determinado momento da história. Ainda, o autor compreende autoridade como “capacidade de fazer o outro autor”, autoridade em que o professor vive a tensão entre a necessidade de orientar, limitar e a necessidade de abrir possibilidades para o aluno falar, correr, acatar.

O aluno de hoje é questionador, quer mudanças, exige, mas a educação que esse aluno teve, ou está tendo, não é motivadora de liberdade para ele contestar a autoridade do professor

ESTRELA (2002:74) destaca que alguns professores passaram a desvalorizar a disciplina e associá-la a repressão, enquanto outros, como reação à indisciplina generalizada e como defesa, reforçaram o seu autoritarismo. Outros ainda tentaram encontrar formas diferentes de exercício de autoridade, assente em maior competência didática e relacional, e a procura de um novo equilíbrio neste campo pode caracterizar muitas escolas portuguesas.

Por vezes, o profissional da educação impõe sua autoridade ao desenvolver suas atividades, acreditando que o aluno lhe deve obediência e respeito, pelo fato de ele ser o professor. Por outro lado, muitos são os casos em que o professor não está plenamente convencido dessa autoridade em sala de aula e não sabe usá-la e prende-se na tradição que lhe concedeu tal atributo, mesmo que com bases autoritárias e abusivas advindas do passado.

GIGLIO (1999:187) apresenta como origem mais comum o sentimento de injustiça entre os jovens. O autor acredita que os alunos, quando acham que tenham sido tratados de forma injusta, ou submetidos a regras injustas, tendem a defenderem-se de modo explosivo, indisciplinado, podendo agredir fisicamente outrem. Ainda que, o docente, utilizando-se de sua autoridade, tente coibir e prevenir tais manifestações, não obtém êxito. Isto porque, os alunos estão diante de um professor com autoridade que eles não reconhecem.

Os alunos sofrem influências comportamentais de agências educativas, dentre elas, família, sociedade e inclusive da própria escola. Portanto, não se podem classificar as causas da indisciplina como sendo consequência de uma só agência educativa, mas talvez de uma soma de influências.

O confronto do professor como autoridade frente a não obediência tem se tornado motivo de sérias preocupações e deixado o professor sem ação. A solução pode estar na forma como se dá a relação professor-aluno, ou seja, nas relações que se estabelecem no cotidiano para que tarefa central de

transferência do legado cultural aconteça, fundado no resgate da moralidade discente, através da relação com o conhecimento, uma vez que todo trabalho a ser desenvolvido pressupõe a observância de regras, regularidades e exceções.

Para compreender a fundo a relação professor-aluno, a interferência de expectativas, representações e crenças do professor sobre a aprendizagem de crianças, jovens e adultos, vale ressaltar algumas particularidades a respeito das relações interpessoais. Num contexto como a escola, onde os papéis são definidos a partir da função social da instituição, as relações entre as pessoas são também reguladas pelas regras que regem a instituição. Alunos e professores regulam uns aos outros o tempo todo. Querendo ou não, uma relação de poder é instaurada entre eles.

Para ARAÚJO (1999:42), a autoridade do professor se institui uma vez que professores são investidos pela sociedade de uma superioridade hierárquica - aquela que se vincula ao uso da força e da violência - e desta forma alguns professores tentam constituir-se como autoridade cobrando obediência de seus alunos e impondo suas vontades e valores. Segundo o autor, temos também a autoridade por competência, que é aquela que se vincula à admiração nutrida nas relações com seus subordinados, a partir do prestígio e da competência. A admiração que é devotada pelos alunos aos professores faz com que eles naturalmente não queiram tratar com desrespeito a pessoa que eles admirem, gerando um ambiente de colaboração dentro do processo educativo.

Os atos de indisciplina estão sujeitos a um complexo sistema de relações interpessoais, nos quais emoções, sentimentos, aspectos cognitivos estão presentes na conjuntura educativa. O problema se revela quando se aborda o conflito através do exercício da autoridade, das relações opostas de poder, provocando um clima de tensão, o qual o professor não sabe resolver, pois o centro desta questão, freqüentemente, está inserido nas relações interpessoais e pedagógicas no processo ensino-aprendizagem.

É fundamental a contribuição do professor na sua tarefa educativa relacionada à disciplina. Se um dos objetivos da escola é fazer com que os alunos aprendam posturas de cooperação e respeito, a escola deve oferecer condições para que este aprendizado se efetive, permitindo que os alunos construam e interiorizem estes valores e desenvolvam mecanismos de autocontrole de suas condutas.

Acreditamos que em relação à indisciplina, a influência do ambiente familiar é o fator preponderante no comportamento dos alunos na escola. Nas famílias onde a estrutura familiar está comprometida com constantes desavenças, violência e desrespeito entre os pais e entre pais e filhos, a probabilidade de as crianças serem indisciplinadas é bem maior, pois na escola extravasam todo descontentamento que não podem manifestar em casa.

3. A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

É imprescindível compreender que o indivíduo se desenvolve segundo sua interação social, sua cultura. Portanto, a indisciplina e a disciplina são apreendidas. Neste contexto a família exerce grande influência sobre o comportamento da criança, já que é a primeira forma de socialização do indivíduo, onde ocorre o repasse de cultura e de valores.

Um professor que acredita, por exemplo, que um determinado aluno é incapaz de aprender por uma ou outra razão, por mais que não demonstre, agirá com ele como se de fato não pudesse aprender. Isso denuncia ao aluno que seu professor não acredita em sua capacidade e dificilmente essa percepção de julgamento do professor não terá uma influência negativa em sua aprendizagem. E o contrário também pode ocorrer quando acreditar que o aluno pode aprender e que pode ensiná-lo, o professor acaba por motivá-lo a tornar-se mais capaz.

Motivação é o que define o comportamento do indivíduo, levando-o a um alvo que permita prazer em suas buscas, necessidades e dificuldades.

Segundo SISTO (2001:40), importantes para a aprendizagem são as metas que os indivíduos perseguem, estudadas pelos psicólogos contemporâneos. Há pelo menos dois tipos de metas: a meta de aprendizagem e a meta de realização/ desempenho.

O homem precisa desenvolver conhecimento, capacidades e ações, e o meio para alcançar este desenvolvimento é a aprendizagem. A motivação é um processo que dirige e integra mantendo o aluno em ação. Na aprendizagem isto tende a variar, pois dependerá em que ambiente escolar o aluno está inserido, se este está de acordo com suas expectativas e seus processos cognitivos.

Quando o educando se sente motivado, ele entende o porquê do estudar, consegue envolver-se, mantendo um auto-estímulo que não o deixe desistir dos desafios e valorize a educação.

Isso talvez explica porque estudantes motivados gostam da escola, mostrando atitudes apropriadas, alcançando habilidades e conseguindo desenvolver seu potencial, enquanto outros mostram-se desligados e desinteressados muitas vezes frequentando a escola por obrigação.

Do ponto de vista humanístico, motivar os alunos significa estimular e encorajar seus recursos interiores, seu senso de competência, de auto-estima, de autonomia e de auto-realização.

Sendo a motivação elevada, o desejo em aprender e em conhecer é bem mais edificante. Entretanto, devemos ter consciência de que a motivação depende também de fatores exteriores à escola, difíceis de qualquer profissional em educação, principalmente problemas familiares.

É importante o professor desenvolver da melhor forma possível seu trabalho, discutindo com os próprios alunos as condições de aprendizagem e assimilação dos conteúdos, bem como regras disciplinares, para que o aluno perceba, assim, a importância de suas atitudes no desenvolvimento e aproveitamento das aulas.

Para TARDELI (2003:81), “o professor que na sala de aula dialoga com seu aluno, busca decisões conjuntas por meio de cooperação, para que haja o

aprendizado de fazer contratos, honrar a palavra empenhada, comprometimento nos projetos coletivos e estabelecimento de relações de reciprocidade”.

No entanto, é preciso que tanto os professores, quanto os alunos, estejam abertos e dispostos a ouvirem as dificuldades e as críticas que devem ser feitas sempre construtivamente, para que, em consenso, encontrem uma forma que seja proveitosa e traga resultados satisfatórios.

A função do professor é orientar o aluno para que, através dos conhecimentos, torne-se um cidadão crítico e participativo na sociedade. No entanto, a educação, primeiro o aluno traz de casa, e o professor não pode ser o responsável por toda esta problemática da indisciplina.

ZAGURY (2006:35) nos diz: “apontar o professor como único e responsável pela participação do aluno em aula é mascarar a realidade. Ignorar que por parte dos alunos, por razões sociais ou pessoais, não querem, não gostam de estudar, e muito menos de se esforçar para aprender, é igualmente ignorar que o ser humano é múltiplo e que cada indivíduo é único e reage diversamente aos estímulos recebidos. E é ignorar também que muitas destas variáveis não podem ser superadas unicamente pelo trabalho do professor, por melhor que ele seja e por mais que trabalhe bem e se esforce muito”.

Os professores fazem sua preparação, estudam, investem na profissão, pesquisam, desenvolvem técnicas para melhor desempenharem seu trabalho para que a aprendizagem ocorra. Além de responsáveis pelo desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, também o são pela participação disciplinada dos mesmos na escola.

Motivar para a aprendizagem escolar é uma tarefa árdua. Se o aluno não encontra significado no trabalho que tem a realizar, se não vê perspectiva futura nesta aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender.

É neste processo de motivação que o apoio e o acompanhamento da família são fundamentais. Para que todos os esforços despendidos pelos educadores não resultem infrutíferos, o apoio e acompanhamento da família são vitais neste contexto, pois nem toda a matéria pode ser estudada somente

na escola e a disciplina é coisa que se aprende em casa. Criança que não tem a mínima educação e disciplina no convívio familiar, dificilmente terá no convívio em sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo é dinâmico e transformações sociais ocorrem em velocidade meteórica. Mudaram a sociedade, os meios de comunicação, a estrutura familiar e a escola. A escola ao assumir um papel educativo, além de transmitir a herança cultural, vê-se compelida a desenvolver competências, desenvolver inteligências, cidadania, socialização, ou seja, passa a compreender o ser humano em todos os seus aspectos, como ser cognitivo, biológico, emocional e também espiritual.

A indisciplina é gerada por uma sociedade que também se encontra indisciplinada, violenta, opressora, estabelecida por critérios individualistas na qual as desigualdades sociais crescem a cada dia. É nesta conjuntura que vivem as crianças e jovens que acabam sendo influenciados por esse meio.

A falta de limites em que se encontram as crianças e jovens, a ausência de normas, a falta de valores morais, são aspectos, entre outros, que podem ocasionar a indisciplina.

Para amenizar a questão da indisciplina escolar é necessário que pais e sociedade também assumam sua responsabilidade, pois o aluno é um compromisso de todos e não se pode atribuir unicamente à escola a responsabilidade pela indisciplina em sala de aula. A educação vem de berço e é aí que inicia-se a caminhada na vida. Não procuremos justificativas e explicações quando nossos filhos são mal-educados. É dos pais a responsabilidade de passar os princípios básicos de ética e moral que nortearão o futuro dos filhos. O papel da escola é transmitir o conhecimento, cultura e profissionalização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ulisses F. **Respeito e Autoridade na Escola**. In: AQUINO, J. G. (org). Autoridade e Autonomia na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto, 1994.

GIGLIO, Celia Maria Benedicto. **A violência escolar e o lugar da autoridade: encontrando soluções partilhadas**. In: AQUINO, J. G. (org). Autoridade e Autonomia na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

MURRAY, Edward. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1986.

SCHMIDT, L. M.; RIBAS, M. H.; CARVALHO, M. A. **A Disciplina na sala de aula: educação ou repressão**. In: D'ANTOLA, A. (org). Disciplina na Escola: Autoridade versus Autoritarismo. São Paulo: EPU, 1999.

SISTO, Fermino Fernandes. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

TARDELI, Denise D'Áurea. **O respeito na sala de aula**. Petrópolis-R.J: Vozes, 2003.

VASCONCELLOS, C. S. **Os desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola**, in *Idéias*, nº 28. São Paulo: FDE, 1997.

WEISS, Donald H. **Motivação & Resultados: como obter o melhor de sua equipe**. São Paulo: Nobel. 1991.

ZAGURY, Tânia, **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006.